

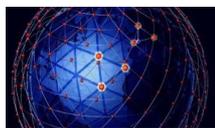
Em **S**ociedade

O uso da maconha como mecanismo de interação dentro do ambiente universitário

*Diego Vinícius Bernardes da Silva¹
Thiago Pereira da Silva Flores²*

¹ Graduando em Ciências Sociais na PUC Minas – diegovinicius_bs@hotmail.com

² Mestre e doutorando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas. É graduado em direito desde 2014, também pela PUC Minas. – rolicoflores@hotmail.com



Resumo

O artigo a seguir traz apontamentos e reflexões oriundas de uma pesquisa sobre o uso da Maconha feita com estudantes no ambiente universitário da PUC Minas - campus Coração Eucarístico. Para a sua realização utilizamos o método etnográfico, com observação participante e entrevistas com alunos de diferentes cursos de graduação oferecidos no Campus. Priorizamos as informações dos próprios interlocutores em relação à percepção dos mesmos sobre o uso da substância, a influência desse uso na construção dos laços de sociabilidade e, além disso, a relação desse uso com o espaço da universidade. Levando em consideração que a maioria dos estudos relacionados ao uso de substâncias psicoativas é voltada para as consequências negativas da prática, acreditamos ser pertinente a análise de uma situação de uso não problemático, feito por sujeitos socialmente integrados, como no caso de estudantes universitários. Os resultados encontrados nos remetem às diferentes formas de uso, como por exemplo, para facilitar a interação social, sentimento de pertencimento e a construção de identidade.

Palavras-chave: Maconha, Sociabilidade, Universidade

Abstract

The article that follows brings notes and reflections from a research on the use of marijuana made with students in the university environment of PUC Minas - Eucharistic Heart Campus. For its accomplishment we use the ethnographic method, with participant observation and interviews with students of different undergraduate courses offered in the Campus. We prioritize the interlocutors' information regarding their perception of marijuana use, the influence of marijuana usage on the building of social bonds, and, moreover, the relation between this use and university space. Taking into account that most of the studies related to the use of psychoactive substances are directed at the negative consequences of the practice, we believe that it is pertinent to analyze a situation of unproblematic use, made by socially integrated subjects, as in the case of university students. The results found refer to different forms of use, for example, to facilitate social interaction, feeling of belonging and the construction of identity.

Keywords: Marijuana, Sociability, University



INTRODUÇÃO

Socialmente são notórias as cenas de uso de drogas nos mais diversos lugares e por diferentes grupos sociais. Nesse sentido temos o contexto das drogas lícitas, como o álcool e o tabaco, que são consumidas em bares, praças, reuniões familiares e cerimônias, ou os medicamentos controlados, como ansiolíticos, antidepressivos e calmantes, que são drogas cada vez mais aceitas e usadas nas sociedades contemporâneas. Por outro lado observamos o uso das drogas ilícitas, ou seja, aquelas a qual a produção, distribuição e o uso são proibidos por lei, como no caso da Maconha, cocaína, crack, heroína, entre outras.

Prática controversa e carregada de preconceitos, o uso de drogas é geralmente relacionado a problemas em diversas esferas, como na saúde, segurança, economia, política, etc. Em alguns contextos, os sujeitos que fazem uso de determinadas substâncias são considerados portadores de desvio de caráter e problemas mentais, provocadores de violência e desordem social. Desde essa perspectiva, acabam por ser ingressados em instituições de controle, seja pela punição ou para tratamento. A partir daí recebem o estigma social, processo que se fortalece consideravelmente no caso do uso de drogas ilícitas. A proibição de determinadas substâncias tem criado um cenário de extrema desinformação e violência, principalmente em setores com maior grau de vulnerabilidade social.

Um dos principais impactos dessa proibição é o fortalecimento do Estado Penal e um encarceramento em massa. Segundo o Levantamento Nacional de Informações



Penitenciárias, em um relatório divulgado em junho de 2016, no Brasil há mais de 175 mil pessoas em situação de privação de liberdade por questões ligadas ao tráfico de Drogas³. Este número corresponde a 28% do total da população carcerária do país. Além disso, inúmeros são os casos de conflitos sociais causados por uma política de drogas higienista e repressiva.

Entretanto, ao analisarmos de maneira mais profunda a questão do uso e venda de drogas, levando em consideração os diferentes contextos onde acontece tal prática, podemos observar como o tratamento e os impactos na vida dos usuários variam de acordo com o contexto, a substância e o próprio sujeito. Através de uma revisão na literatura e também de uma observação da realidade ao nosso redor, podemos dizer que o tratamento dado a questão das drogas em camadas mais privilegiadas da sociedade, é perceptivelmente menos intransigente. E essa classificação social é reproduzida através da intervenção do Estado e pelos mecanismos de comunicação de massa, levando a sociedade a construir conceitos estereotipados de acordo com a posição social do indivíduo. Como exemplo nas classes mais altas, onde o traficante vira distribuidor, o usuário menor de dezoito anos vira jovem, e o drogado vira usuário.

É justamente esse ponto que discutimos no trabalho em questão, ou seja, a perspectiva de usuários que não estão em situação de vulnerabilidade sobre o uso de substâncias psicoativas ilícitas, nesse caso especificamente a Maconha, e ainda quais os impactos em seu cotidiano. Assim, buscamos demonstrar a diferença de construção de cenários em contextos diferentes, mas com as mesmas práticas relacionadas às drogas ilícitas.

A escolha do tema se deu inicialmente por experiências pessoais e por observação assistemática em diferentes ambientes universitários. No meu caso especificamente, foi emblemático a necessidade de sociabilidade, encontrar certezas e elementos que servissem de base para a construção da identidade. Após iniciar o curso de Direito no campus Barreiro da PUC Minas, fui tomado por um sentimento de insatisfação e falta de motivação para dar continuidade aos estudos no campo do Direito, mas, com o desejo de continuar

³ Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, Junho/2016. Secretaria Nacional de Segurança Pública, Junho/2016; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, dezembro/2015; IBGE, 2016



minha formação acadêmica. Nesse impasse, busquei na lista de ofertas da PUC um curso com qual eu me identificasse, dessa forma, me ingressei no curso de Ciências Sociais.

Ao chegar ao novo ambiente de estudo, ainda deslocado, tentava me adaptar e encontrar pessoas com as quais eu pudesse me relacionar e estabelecer vínculos. Nesse processo, notei que os grupos se organizavam, dentre outras coisas, para fazer uso de drogas no ambiente universitário e de bebidas fora dos muros institucionais. Foi possível observar a forma com que os estudantes se comportavam em relação ao uso de diferentes tipos de drogas, as situações de uso e os rituais que giram em torno disso. Foi possível observar também, a ocorrência sistêmica do uso da Maconha dentro do espaço da instituição.

A observação das cenas de uso de Maconha no ambiente universitário nos levou ao desenvolvimento da questão principal dessa pesquisa: entre os estudantes que fazem uso de Maconha, qual é a percepção de tal substância psicoativa como elemento para a sociabilidade? A hipótese inicial é de que o uso da substância em grupo facilita as interações e a emancipação social, contribui para o sentimento de pertencimento, visibilidade e ajuda na construção de laços dentro e fora dos espaços da universidade. Outra hipótese é que sendo a universidade um espaço que agrega, em sua maioria, jovens em fase de construção de identidade, de busca de sociabilidade e de projetos futuros, ela acaba por influenciar o ajuntamento de estudantes, estabelecimento de laços e experimentação de aventuras, inclusive de drogas.

O objetivo geral do trabalho, consistiu em descrever e interpretar como se dá o uso de substâncias psicoativas ilícitas, em camadas médias da sociedade. Sendo assim, usando o caso concreto do consumo de Maconha no ambiente universitário, adotamos como objetivos específicos da pesquisa: identificar os grupos de usuários, verificar a dinâmica desse uso, analisar a influência da prática nas construções das relações sociais e da identidade, além de fazer uma relação com o espaço e contexto em que é feito o uso.

O uso de substâncias psicoativas é um fenômeno que é objeto de pesquisa em vários lugares do país e do mundo. Muitas dessas pesquisas possuem um caráter interdisciplinar, envolvendo as ciências sociais, médicas, direito e outros saberes. Esses debates vêm sendo



construídos a partir do campo das políticas públicas relacionadas ao uso de drogas, com o levantamento de questões como a redução de danos, por exemplo, ou na área das políticas de controle e os impactos sociais, que repercutem em variáveis como tráfico de drogas e violência.

Além disso, mais recentemente tem se dado relevante importância ao caráter medicinal, principalmente da Maconha, e aos conhecimentos e nuances adquiridos no âmbito do uso recreativo e religioso. Essas vertentes fortalecem de maneira significativa as discussões acerca da pauta da descriminalização ou legalização da substância.

O artigo que apresentamos aqui, está organizado inicialmente na elucidação dos principais conceitos que são relevantes para o tema, como por exemplo, Drogas, Proibicionismo, sua construção sócio-histórica e as mudanças que ocorreram durante o tempo. Além disso, como não podia ser diferente, trabalhamos também o conceito da Maconha e seu processo de chegada e difusão no Brasil.

Na segunda parte, nos concentramos em demonstrar como foi aplicada a metodologia da pesquisa. Como dito anteriormente, neste caso optamos por utilizar o método etnográfico para a coleta das informações. Acreditamos que através deste método, que é um dos principais dentro da área das pesquisas de natureza qualitativa, conseguimos chegar ao ponto principal de observar, descrever e, de alguma maneira interpretar este fenômeno social, destes grupos específicos. Assim, explicamos de maneira detalhada como foram feitas as abordagens, aproximação dos interlocutores e a própria coleta.

Posteriormente, fizemos uma seleção entre todo o material coletado durante a pesquisa e selecionamos o que acreditamos ser pertinente para a resolução do problema da pesquisa. As informações foram demonstradas através de transcrições literais de falas dos interlocutores, sempre fazendo um paralelo com o material teórico no qual embasamos nosso trabalho. Através de uma leitura analítica dessas informações, pudemos sintetizar como se dão os diversos processos sociais relacionados a prática do consumo de Maconha feito por estudantes.

Por fim, trouxemos nossas análises e conclusões de todo o processo de construção



da pesquisa. Nesta etapa do texto, fizemos questão de demonstrar as questões pessoais que envolveram o trabalho, como aflições e questionamentos e também trouxemos apontamentos relacionados ao produto final da pesquisa.

METODOLOGIA

Pesquisas com temas tão complexos quanto às relacionadas ao uso de drogas, nesse caso o uso da Maconha dentro de uma instituição de ensino, impõem desafios que demandam uma atenção especial por parte do pesquisador. Atenção tanto em relação à escolha do método, como na eficiência na hora da execução.

A escolha que adotamos, foi realizar uma pesquisa de natureza qualitativa com o método da etnografia. Através da observação participante, conseguimos a aproximação de diferentes grupos de estudantes usuários de Maconha, fazendo as observações e registrando as informações pertinentes. Tal escolha foi feita, por acreditarmos que seria a ferramenta ideal para obtermos as informações mais fiéis possíveis da dinâmica em questão.

A realização do estudo em locais em que os sujeitos estão ambientados e após se adquirir a confiança entre pesquisador e pesquisado, contribui para a observação das subjetividades que, se fossem utilizadas outras técnicas, poderiam passar despercebidas. As informações aqui demonstradas, são frutos das observações que contaram com essa interação entre pesquisador e membros pesquisados. *“A pretensão da pesquisa participante não é a de suprimir códigos, mas fazer com que estes sejam analisados, e favorecer ao máximo a expressão e a emergência do código dos pesquisados”* (BOTERF, 1987. p. 78)

Ao observar e descrever a dinâmica do uso de Maconha em um lugar específico como a universidade, é possível perceber os impactos que o contexto do uso tem sobre os processos de construção de sociabilidade, de construção e afirmação de identidades e nas formas de se relacionar com o espaço. Sendo a universidade um espaço predominantemente ocupado por um público juvenil, é interessante notar como se dá a construção dessa dinâmica em um ambiente não violento.

A análise pretendeu também desmistificar o uso da Maconha e a imagem que vem



sendo construída historicamente, de uma prática perigosa, relacionada à violência ou motivo de uma escalada para drogas mais pesadas, como cocaína ou crack. Assim, fizemos nosso trabalho inspirados nos estudos de Macrae e Simões (2003), que em sua pesquisa, tiveram como objeto de análise grupos de usuários de Maconha socialmente integrados das cidades de São Paulo e Salvador, perfil próximo ao dos estudados por nós, ou “*membros de círculos de usuários de maconha socialmente integrados, pertencentes a classe média e inseridos no mercado de trabalho ou sistema educacional.*” (MACRAE, SIMÕES, 2003. p 12)

Tais grupos, como dito anteriormente, possuem uma linguagem própria, com seus símbolos, rituais, sanções e locais de frequência próprios. Para esse conjunto de fatores, os autores dão o nome de “subcultura da maconha”. “Estão incluídos nesses rituais, os métodos de aquisição e consumo, a escolha do meio físico e social para o uso, as atividades associadas ao consumo e as maneiras de evitar e lidar com os efeitos negativos”. (MACRAE, SIMÕES, 2003 p. 5)

Na fase inicial da pesquisa, com o intuito de fazer um mapeamento e reconhecimento dos grupos de usuários de Maconha, as observações foram feitas de maneira livre e espontânea. A aproximação dos grupos se deu, na maioria das vezes, através de conhecidos geralmente usuários, que participavam dos grupos e nos apresentava aos demais integrantes.

Essa inserção foi relativamente fácil, acreditamos que pela semelhança no perfil das pessoas de uma maneira geral, coisas como idade, linguagem e, por vezes preferências culturais e visão de mundo. Essas observações foram feitas em diversos lugares do campus escolhido como campo de pesquisa, o que possibilitou um reconhecimento dos lugares eleitos como mais propícios para o consumo da Maconha.

Nessas observações era possível saber um pouco das vivências e histórias de vida dos sujeitos, através de pequenos relatos e fragmentos de memória que os próprios interlocutores se dispunham a falar. Os assuntos giravam tanto em torno da própria Maconha, como de outros, como o contexto social, os lugares de onde vinham e



experiências pessoais de antes de ingressar na faculdade.

Nesse sentido foi possível observar que o perfil dos universitários usuários de Maconha varia: existem pessoas que iniciaram o uso ao ingressar no ensino superior, jovens que já usavam antes, de diferentes tendências religiosas, procedentes de várias cidades e perfis urbanos variados, estrangeiros que ingressam na universidade para intercâmbio internacional ou membro da população local. São estudantes muitas vezes de diferentes cursos, e também de diferentes classes sociais, gênero, idade, raça entre outras características.

Nesses espaços, foi possível também observar e participar dos rituais relacionados ao uso da Maconha nas mais diversas esferas, seja no processo de preparação, consumo, troca de conhecimentos relacionados a substância e também processos de aquisição da mesma. Depois de alguns encontros foi possível perceber um aumento da confiança dos integrantes do grupo, que na medida em que se sentiam a vontade, falavam mais abertamente sobre suas percepções em relação a substância, ao uso na universidade, entre outras coisas.

Assim, através de conversas informais em grupo de maneira não estruturada, eram colocados em pauta diferentes assuntos relacionados a prática de uso da Maconha no ambiente universitário. Os assuntos levavam em conta aspectos relacionados à visão daqueles sujeitos em relação a substância, aos respectivos rituais, a concepção do uso dentro da universidade e as relações sociais ali criadas, entre outras coisas, que na nossa visão pudessem levar em direção ao problema da pesquisa a partir de uma visão dos interlocutores.

Essas conversas eram feitas nos espaços de frequência já escolhidos por estes grupos e que acabavam se tornando seus pontos de sociabilidade. As observações e conversas aconteciam de maneira não agendada, no intervalo das aulas, ou durante um encontro que apresentasse as condições necessárias para o registro, pessoas que se encaixem no perfil do estudo e disposição dessas pessoas em participar.

A pesquisa teve início em junho de 2017, onde iniciamos com a aproximação e



observação dos interlocutores, e em um segundo momento focamos nas conversas e intervenções feitas com os grupos, completando assim um período de 9 meses no total. Nas transcrições de falas, serão eles reconhecidos por nomes fictícios, para resguardar a sua identidade.

TRABALHANDO CONCEITOS

A partir de investigações científicas principalmente nas áreas da História e Antropologia, podemos afirmar que o uso de drogas é uma prática universal ou realidade presente em todas as sociedades e períodos históricos. Entretanto, as formas de administração e os rituais de uso, além dos seus desdobramentos, variam de acordo com os contextos sociais específicos de cada caso. De uma forma geral, o consumo das drogas apresenta diferenças, principalmente em relação ao efeito que se busca com o uso, as pessoas ou grupos que fazem o uso, as situações que o fazem, além das motivações e objetivos que se pretende alcançar. (GÓMEZ, 2004)

Para abordarmos tal assunto, antes de tudo, é necessário que destrinchemos alguns conceitos básicos, como por exemplo, o conceito de droga. Nome popularmente dado às substâncias psicoativas, se utilizarmos uma linguagem mais técnica do termo, podemos considerar droga como qualquer substância capaz de desencadear no corpo uma reação, seja ela somática ou psíquica.

As drogas são substâncias com propriedades farmacológicas determinadas, que produzem reações que modificam o estado de consciência, humor ou sentimento de quem faz o seu uso. Essas reações podem variar de um estímulo leve, como o provocado por uma xícara de café, até alterações intensas, que podem causar distorção na percepção de tempo ou espaço, como no caso do uso de drogas sintéticas, como ecstasy ou LSD. (LABATE, 2008)

Com a criminalização do uso e manuseio de diversas substâncias, é possível afirmar que na sociedade contemporânea, a droga ganha sentido e se relaciona com as substâncias psicoativas ilícitas (Maconha, Cocaína, Crack, Heroína, LSD e etc), cujo uso é considerado necessariamente problemático e alvo dos sistemas de controle e proibição. Mesmo sendo



uma prática que remete aos tempos mais longínquos da história humana, o uso de drogas ilícitas assume proporções de um problema central nas sociedades contemporâneas, causado principalmente por uma intensa campanha midiática relacionada aos efeitos nefastos do abuso de drogas.

O que notamos hoje é a construção de uma representação negativa de qualquer forma de uso dessas substâncias, através de uma ligação automática a questões de criminalidade e violência, além dos riscos a saúde pessoal e coletiva. A droga é tida unilateralmente como um problema em si, uma ameaça a sociedade, reforçando assim os processos de estigmatização, desinformação, cinismo e violência.

Muitas das informações presentes nesse artigo, as que vêm a seguir inclusive, são resultado da participação em seminários e congressos, assim como o estudo de documentários, reportagens e artigos sobre a temática. Como base de referência para construção teórica, aqui usamos o documentário “Cortina de Fumaça”, produzido por Rodrigo Mac Nivem, que coloca em discussão a política de drogas vigente no mundo, dando atenção às suas consequências político-sociais em países como o Brasil. Através de entrevistas nacionais e internacionais com médicos, pesquisadores, advogados, líderes políticos, policiais e representantes de movimentos civis, o jornalista trabalha uma nova visão neste início do século XXI, que rompe o silêncio e questiona o discurso proibicionista. (NIVEM, 2009)

Atualmente, a maioria dos países adota uma política de drogas proibicionista, ou seja, voltada para a tentativa de erradicação de determinadas substâncias, através da proibição e criminalização das mesmas. Tal política vem sendo construída e consolidada a partir de posicionamentos e medidas políticas que visam atingir o objetivo de eliminação das drogas. Um exemplo deste tipo de política, lembrada devido ao seu fracasso, é o caso da lei-seca adotada nos Estados Unidos da América.

Nesse caso, que aconteceu a partir de 1920 até meados da década de 1930, foi feita uma tentativa de erradicação do álcool na sociedade norte americana, através da proibição da produção, distribuição ou consumo da substância. O objetivo era diminuir os níveis de



consumo de álcool, até que se chegasse ao ponto da sua completa eliminação.

Esta medida foi tomada por conta dos problemas sociais que eram causados pelo abuso da substância, como danos a saúde das pessoas, violência, acidentes, entre outras coisas. Entretanto, o que se observou com essa medida foi o fortalecimento da venda clandestina, o aumento da violência causada por conflitos de gangues que forneciam o álcool de maneira ilícita e mais casos de problemas de saúde, devido à falta de controle de qualidade das bebidas alcoólicas.

Após inúmeros efeitos contrários não previstos com a proibição, os governantes americanos liberaram novamente o uso do álcool, regulamentando assim a produção, venda e consumo do mesmo. Entretanto, mesmo tendo esse caso com exemplo, o que ocorreu a partir da década de 1960, foi o endurecimento da política mundial de drogas, puxado justamente pelo poder norte americano.

Dá se início então ao que foi chamado de “Guerra as Drogas”, que é o processo de fortalecimento dessas políticas proibicionistas, com altos investimentos governamentais em projetos de controle e repressão e ainda a escolha das drogas como problema central das sociedades. O termo foi popularizado pela mídia logo após a conferência de imprensa dada em 18 de junho de 1971 pelo então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, durante a qual ele declarou que o abuso do uso de drogas ilegais era o "inimigo público número um". (NIVEM, 2009)

Sabemos também, que a categorização das drogas enquanto lícitas ou ilícitas está mais ligada a fatores políticos e econômicos, do que propriamente a questões sociais ou de saúde pública. O álcool, por exemplo, uma substância que apresenta grande potencial de danos à saúde individual e que pode causar graves impactos sociais. Situações como acidentes automobilísticos, brigas, agressões, discussões e mortes, em todas as faixas etárias e especialmente entre o público jovem, geralmente estão relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas. (ROMERA, 2008)

Estimativas da ABEAD (Associação Brasileira de Estudos sobre Álcool e Drogas) apontam que 75% dos acidentes fatais no Brasil estão relacionados com bebida alcoólica. Ainda no mesmo aspecto, a ABEDETRAN (Associação Brasileira de Departamentos de Trânsito) aponta que 61% das pessoas internadas



ou mortas por acidentes de trânsito apresentam índices alcoólicos no sangue. (ROMERA, 2008. p. 50)

Entretanto, continua sendo uma droga lícita, portanto sendo livremente comercializada e amplamente estimulada através de propagandas midiáticas. Fator determinante para que seja considerada atualmente uma das substâncias psicoativas mais difundidas entre os jovens, como comenta o antropólogo Joan Pallares: “El alcohol es la sustância más utilizada y la más importante para los jovens. Valorada positivamente por la inmensa mayoría de ellos, está presente em todos los contextos, situaciones e itinerários juvenis.” (GOMÉZ, 2004, p. 89)

Tal situação fortalece consideravelmente os questionamentos ao discurso da guerra as drogas, baseado na proteção da saúde e a vida das pessoas. O fato de uma substância ser considerada droga ou não, depende não só de suas propriedades farmacológicas e de sua regulamentação no mercado, mas também do modo como a sociedade e o Estado decidem tratá-la. Atrelado a isso, se observamos os conflitos sociais e processos de criminalização do uso de determinadas substâncias ao redor do mundo, podemos notar uma carga de segregação, preconceito e controle social na hora da escolha de qual droga deve ou não ser proibida.

Nesse caso, o fator da proibição influencia diretamente na dinâmica do uso, e, muitas vezes, determina os locais e situações em que é possível o consumo. A necessidade de escapar das instituições ou agentes de controle, impõe a busca por lugares específicos, escolha essa que leva em conta as características de cada droga e dos locais, que podem ser favoráveis ou não ao uso.

Quando não é possível fazer o uso dentro de um local privado, que teoricamente garante privacidade e segurança aos usuários, a opção é buscar espaços que apresentem as mínimas chances possíveis de o usuário sofrer com alguma consequência negativa. A partir de tais argumentos, é possível afirmar que a escolha do espaço para o uso das drogas se dá pelas condições favoráveis para o consumo, principalmente, em relação aos efeitos e os níveis de estigmatização das mesmas.

Por exemplo, no caso do uso de drogas sintéticas como o LSD e o ecstasy, que tem



efeitos intensos e mais duradouros, o uso na maioria das vezes é feito em espaços de lazer noturno, ou festas que durem um tempo maior, como festivais e festas de música eletrônica. Sobre isso, Calado (2006) apresenta em sua obra argumentos que explicam e confirmam tal hipótese, entre alguns deles segue um trecho:

O consumo de substâncias psicoativas em eventos de música eletrônica de dança explica-se também por um ponto de vista utilitário. As anfetaminas, o Ecstasy e também alguns alucinogêneos potenciam as capacidades físicas, intensificam a experiência sensorial, ao mesmo tempo em que facilitam o contacto social e possibilitam a sensação de comunhão e espírito coletivo que se vive nas raves e nas festas trance. (CALADO, 2006 p. 19)

O caso específico do uso da Maconha no ambiente universitário, não foge a essa dinâmica da escolha de espaços propícios para o consumo. Alguns dos efeitos causados pela substância, assim como algumas características da universidade, criam um ambiente seguro e fornece condições favoráveis para o uso neste espaço.

O fato de a universidade ser um espaço privado, com menor presença de agentes de repressão e a ausência da polícia, somado a presença de um público perceptivelmente jovem e teoricamente esclarecido intelectualmente, faz com que seja mais confortável fazer o uso da substância dentro deste espaço, do que na rua ou em praças, por exemplo.

O fato de a Maconha causar efeitos considerados menos intensos e perceptíveis que outras drogas, facilita o convívio e a execução de tarefas cotidianas, mesmo sob o efeito da substância. Assim, a prática de usar a Maconha acaba marcando a relação do estudante com o espaço e com o contexto em que está inserido.

O uso da Maconha pelos universitários pode ser interpretado sobre diversas óticas: como um ritual de iniciação, como a experimentação de novas situações em um espaço diferenciado das instituições de ensino médio, distante da tutela dos pais e educadores, como diversão ou como a continuidade de uso que já era feito em outros ambientes.

Tais aspectos até aqui trazidos, tanto em relação à concepção do conceito, ou aos contextos de proibição e estigmatização das drogas, foram, de certa maneira, legitimados durante décadas, por estudos predominantemente ligados aos casos de uso problemático das drogas, focando nos casos de abuso, dependência, e impactos negativos, geralmente através



de uma visão farmacológica ou penal das situações.

Até mesmo nos estudos das áreas das Ciências Humanas ou Sociais, o que se observou durante muito tempo, foi o foco desses estudos sobre os impactos sociais negativos do processo de uso e difusão das drogas, como a violência, o tráfico e suas consequências. (LABATE, 2008)

MACONHA

Maconha é um dos nomes popularmente dados a planta da espécie *cannabis sativa*, que também é chamada de “erva”, “chá”, “ganja”, entre outros. É uma planta anual, ou seja, passa pelo ciclo vegetativo de germinação, brotação, pré-flora e floração e também é dióica, o que significa que possui tanto plantas machas, quanto fêmeas. Somente as flores das plantas fêmeas da *cannabis sativa* possuem a resina com as substâncias psicoativas responsáveis por causar os efeitos da droga.

As principais substâncias psicoativas da Maconha são o THC (tetraidrocanabinol) e o CBD (Canabidiol), sendo o primeiro responsável pelos efeitos alucinógenos causados pelo consumo. Os efeitos relatados são geralmente ligados ao bom humor, relaxamento, euforia e aumento do apetite, chamada popularmente de “Larica”. Outros efeitos, considerados negativos, estão relacionados à perda de memória recente, boca seca, e sentimentos de paranoia ou ansiedade. (PRADO, 2017)

A chegada da Maconha no Brasil remete aos tempos de colonização por parte dos portugueses, e a utilização da mão-de-obra escrava no sistema produtivo. “Em síntese, sabe-se hoje que a Maconha não é nativa do Brasil, tendo sido pra cá trazida pelos escravos africanos” (CARLINI, 2005 p. 315). A Maconha era chamada inicialmente de fumo de Angola, tendo neste período uma boa aceitação do seu uso.

Costa e Gonties (1997) enfatizam também estudos de Pio Correia (1931) que afirmam que as sementes do fumo da angola, tenham chegado ao território brasileiro no século XV vindas em bonecas de pano embrulhadas na ponta das tangas pelos escravos africanos. Estes autores ainda apontam que a maconha era bastante utilizada principalmente no Norte e Nordeste do Brasil, tendo em vista que esta se desenvolvia nas lavouras de cana de açúcar. (GONTIES, 2003 p. 56)



Até o início do século XIX o uso de Maconha acontecia sem empecilhos no Brasil. Entretanto, no dia 4 de outubro de 1830 foi promulgada uma lei pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, que proibia a compra e venda em estabelecimentos públicos da erva. Assim, após intensas campanhas difamatórias, declaradamente racistas, o Brasil se torna o primeiro país do mundo a criar uma lei própria para a proibição da substância.

Campanhas essas que enfatizavam as origens africanas da substância e ligava o seu uso a “coisa de negro” ou a atitudes de agressividade, violência, delírios furiosos, loucura, transmitindo assim, uma imagem aterrorizante da Maconha. “Essa proibição munuiu as autoridades de novos pretextos para manter a população negra, então considerada “classe perigosa”, sob vigilância.” (MACRAE, SIMÕES. 2003 p. 3)

Mais tarde, 60 anos depois, no período republicano, uma nova lei fazia referência a substâncias venenosas, com multas para quem as vendesse ou ministrasse sem prescrição. No entanto, essa determinação visava o controle de produtos letais e tinha caráter mais sanitário do que criminal. A partir da década de 1920, o governo brasileiro começou a se movimentar pela proibição da Maconha. As maiores influências vieram dos Estados Unidos (e sua guerra contra a marijuana) e da Guerra do Ópio, conflito entre ingleses e chineses no século XIX motivado pelo tráfico do entorpecente. Depois do incidente, os países começaram a debater os problemas relacionados a certas substâncias.

Então, em 1938, o presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto-Lei nº 891, em que proibiu definitivamente o uso da cannabis e de outras substâncias. (BARROS, PERES. 2011) Há boatos de que, durante esse processo, o próprio presidente teria negociado a retirada da erva dos terreiros de candomblé (onde era utilizada em rituais) em troca da legalização da religião.

Nos anos subsequentes, o uso da Maconha passou por transformações em relação a visão da sociedade sobre a prática e aos grupos que faziam o uso da substância. Na década de 1950, a imprensa investia fortemente na ideia do usuário “vagabundo arruaceiro”, enquanto os setores médicos consideravam uma prática ligada a doenças mentais. Tais discussões influenciavam diretamente na opinião da população sobre o tema.



Já nas décadas de 1960 e 1970, a visão construída sobre o uso da Maconha teve forte influência dos fatores políticos por qual passava o país. O seu uso foi relacionado aos grupos jovens de classe média brasileira, que a partir desse momento foram apresentados como um “setor perigoso”, não só pelo movimento guerrilheiro que se instalou em oposição ao Regime Militar, mas também pelo movimento de contracultura, que se disseminou largamente após a derrota da luta armada. (MACRAE, SIMÕES. 2003)

Como sabemos, o uso da Maconha no Brasil continua sendo proibido por lei em qualquer parte do território⁴. Mesmo tendo tido certo avanço em relação à política de controle da substância, que atualmente aplica penas administrativas aos sujeitos usuários, ao invés de sanções penais, a situação ainda é complexa. Uma vez que não há uma definição clara do que distingue o traficante do usuário, cria-se uma situação de insegurança jurídica, e deixa a cargo de agentes do Estado fazer essa definição. Sendo assim, torna-se obvio que o uso seja considerado como ato desviante, e conseqüentemente, os usuários serão considerados um grupo outsider.

Entretanto, para melhor compreensão da dinâmica de tal ato, que mesmo proibido continua acontecendo, nos mais diversos espaços, inclusive na universidade que é campo desta pesquisa, é necessário que aprofundemos a análise e discussão do conceito de desvio. Acerca deste assunto, Becker em seu livro “Outsiders, estudos de sociologia do desvio” escreve:

Se podemos ver qualquer tipo de atividade humana como coletiva, também podemos fazê-lo com o desvio. O que redundaria disso? Um resultado é a visão geral que quero chamar de “interacionista”. Em sua forma mais simples, a teoria insiste que consideremos todas as pessoas envolvidas em qualquer episódio de pretensão desvio. (BECKER, 2008. p. 184)

“Outsider” é o termo usado para definir as pessoas que infringem regras impostas, “alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo” (BECKER, 2008 p.63). Entretanto, tal pessoa pode ter outra interpretação da regra ou da sua aplicação, não concordando com a mesma. Assim, aquele que infringe a regra pode

⁴ BRASIL, Art. 28 da Lei de Tóxicos - Lei nº 11.343 de 23 de Agosto de 2006 – Código Penal - Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências.



pensar que seus juízes é quem são os outsiders. Além disso, o grau em que uma pessoa é outsider varia caso a caso. Ato comportamentais serão considerados menos ou mais desviantes, de acordo com o nível de valorização da regra relacionada ao desvio e a posição social do grupo que a infringe.

Muitas vezes o conceito de desvio é construído a partir da concepção de algo essencialmente patológico, onde em uma clara analogia médica, a atitude desviante é tida como uma “doença”. Neste modelo, leva-se em consideração que quando um organismo funciona de maneira eficiente, sem apresentar disfunções, ele é considerado “saudável”, assim, toda e qualquer mudança neste funcionamento que seja considerada anormal, será classificada como “doença”. Neste caso, segundo o autor “consideram a sociedade, ou uma parte da sociedade, e perguntam se há nela, processos que tendem a diminuir sua estabilidade” (BECKER, 2008 p.20).

Entretanto, se levarmos em conta que o consenso sobre o que pode ser considerado “eficiente” e “saudável” em um organismo é muito mais facilmente alcançado do que em um grupo social, podemos notar a insuficiência deste tipo de concepção do conceito de desvio, no que diz respeito as relações sociais.

LEITURA ANALÍTICA

A partir das técnicas utilizadas foi possível coletar as informações pertinentes a problemática da pesquisa em questão. Abordaremos aqui algumas dessas informações, interpretando-os a partir de um diálogo entre as teorias e as narrativas dos interlocutores. Essas narrativas serão apresentadas em forma de ilustração, com frases literais dos atores sociais.

É interessante notar como a maioria dos entrevistados iniciou o consumo da Maconha a partir do contato com amigos ou familiares. E que é nessas redes de sociabilidade que os usuários têm mais confiança em relação aos conhecimentos relacionados à substância, como por exemplo, questões de qualidade, estratégias para manter o uso controlado e ainda quais locais apropriados ou não para o uso. Tal elemento nega assim, a visão difundida entre certos setores, de que as pessoas são apresentadas as



drogas por traficantes, que visam ao lucro e destruição das famílias:

“A primeira vez que fumei foi com meu irmão mais velho, mas foi engraçado, porque eu que forcei. Vi que ele estava fumando no quarto, entrei e pedi pra fumar também. Nisso ele me mandou embora e falou que não ia dar nada não. Então falei que se não me desse, ia contar pro Pai. O que você acha que ele fez?” (Mauro).

É também a partir dessas redes que os usuários garantem, durante certo tempo, o uso e a aquisição da substância. A partir do campo, foi possível observar como essas redes criam um mecanismo de compra que seja, de certa maneira, mais seguro e vantajoso para os usuários. A compra muitas vezes se transforma em um consórcio entre os que adquirem a Maconha de maneira coletiva, assim se junta determinada quantia, um ou dois sujeitos vão até os locais onde é possível a aquisição, e depois há a distribuição entre os compradores, como mostra o relato a seguir:

“A gente tem o bonde. Ai a gente vai vendo quando o chá da galera tá acabando. Um pouco antes de acabar a gente junta o dinheiro de todo mundo e vai lá comprar. É bom porque conseguimos uma quantidade maior, por um preço menor. Teve vez que no intervalo de uma aula a gente saiu em 5 pessoas, fomos lá na boca comprar e voltamos.” (Jaqueline)

A Maconha no ambiente universitário é usada predominantemente de maneira fumada, através de cigarros de papel, cigarros esses que são chamados popularmente de “Baseado” “Fino” “Tora” “Beck”. Mas, em algumas situações, foi possível observar a utilização de outros instrumentos para o fumo, como cachimbos de diferentes tipos. Além disso, houve também situações do uso da Maconha ingerida através de receitas culinárias que levam a substância em bolos, brigadeiros e doces em geral. Segundo os interlocutores, os efeitos causados pela Maconha ingerida podem parecer mais intensos e duradouros.

Durante o processo de investigação foi possível identificar indivíduos que utilizavam a Maconha com diferentes objetivos e com diferentes intensidades. Tivemos contato tanto com pessoas que nos disseram preferir fazer o uso em um contexto festivo ou de descanso, quanto pessoas que alegaram gostar de fumar antes de estudar ou fazer provas, pois a substância supostamente o ajudaria na concentração:

“Nossa, teve uma semana de provas que eu percebi que comecei a fumar mais. Sei lá, não sei se era pelo stress, ou até mesmo pra ajudar a fazer as provas. Porque eu percebo que me ajuda. Tirar nota boa vai depender se eu estudar ou



... não, claro. Mas a maconha parece que me ajuda na concentração”. (Márcia)

Ainda em relação a esse uso, foi curioso notar quão grande é o número de pessoas que fazem o uso diário da substância, ou em qualquer situação. Principalmente os jovens que moram sozinhos, ou em espaços em que o consumo é aceito, relatam que fazem o uso muitas vezes atrelado a diversas tarefas cotidianas. Como por exemplo, a hora do despertar, refeições, lazer, estudo, entre outras:

“Tem dia que eu nem sei quantos becks eu fumei. Principalmente quando tô de férias da faculdade. É um na hora que acorda, um antes do almoço pra abrir o apetite, um depois do almoço pra fazer digestão, um no final da tarde e assim vai...até fumar o de antes de dormir.” (Aline)

A partir da fala de alguns interlocutores, é possível constatar certa diferenciação quanto à imagem construída acerca da Maconha, em relação a diferentes contextos. Um exemplo é a visão que as pessoas da periferia ainda têm sobre o uso da Maconha, como uma prática reprovável, perigosa e destrutiva:

“Pra mim é uma situação muito diferente, sabe? Lá onde eu moro, a maconha... fumar maconha, tem um peso diferente. Não é tão bem aceito como aqui. Tem o fato da repressão, do medo das famílias de verem seus filhos envolvidos no mundo da criminalidade. Não é igual aqui que a moçada fuma e é normal.” (Luciano)

Tal afirmação remeteu imediatamente a um trecho do artigo sob a Subcultura da Maconha, de Edward MacRae e Júlio Simões, que diz:

Quando se fala em processo de desestigmatização da maconha, deve-se entender que este se produz e repercute diferencialmente na sociedade. Há uma tendência nesse sentido, entre segmentos mais escolarizados e informados das camadas de renda alta e média. Nas camadas populares dos grandes aglomerados urbanos, entretanto, a identificação maconha marginalidade banditismo é algo mais palpável e cotidiano, uma espécie de “profecia que se cumpre”. Os jovens fumantes explícitos nos bairros populares tendem a ser identificados como bandidos. (MACRAE, SIMÕES. 2003. p 14)

Há ainda, por parte de alguns sujeitos, uma dificuldade de adaptação e interação em um ambiente que apresenta situações que fogem do que o mesmo estava habituado, como o uso da Maconha sendo feito de maneira naturalizada:

“Pra mim foi um impacto grande. Pensa só, eu sou um homem mais velho, pai de família, até avô já. Estranhei muito quando cheguei aqui e vi as pessoas fumando tranquilamente. Porque eu não imaginava. Se fosse outra pessoa, na minha posição, poderia até ser contra e ficar criticando. Mas eu não sou assim, acho



que cada um tem que cuidar da sua vida e ponto.” (Luciano)

Este fato se relaciona muito ao processo de desconstrução que é possível notar em algumas pessoas, a partir da entrada na universidade e do contato com novos indivíduos, de diferentes contextos e hábitos. Segundo interlocutores, muitas vezes a imagem negativa que tinham em relação à substância, como sendo uma coisa diretamente ligada à criminalidade, ou que seria uma porta de entrada para drogas mais pesadas e conseqüentemente levaria a ruína de quem a usasse, foi sendo desconstruída, na medida em que iam tendo contato com pessoas que fazem o uso e ao observar a vida dessas pessoas:

“A minha vida inteira eu ouvi falar mal das drogas. Desde pequena, na escola, na igreja, a gente é ensinada a ficar longe dessas coisas. Até mesmo porque eu era de uma cidade pequena, aí parece que é pior. Aí, quando eu vim pra cá, tive contato com muitas pessoas que fumam. Pessoal da faculdade, no “rolê”, até a pessoa que fui morar junto fumava. No início eu não gostava, era contra e até ficava criticando. Mas, com o tempo, fui vendo que essas pessoas tinham uma vida normal, estudavam, trabalhavam e passavam por problemas igual todo mundo. Então experimentei e comecei a fumar a maconha habitualmente. Hoje considero que ela me faz bem.” (Flora)

A Maconha, como instrumento de sociabilidade, é também muito utilizada por estudantes calouros para se inserirem nos grupos de veteranos, ou já estabelecidos na faculdade. Principalmente nas épocas de inícios de semestre, não é difícil observar situações em que esse estudante recém-chegado se aproxima de outras pessoas através da substância, seja como um assunto a ser discutido, ou mesmo através do uso compartilhado. O calouro muitas vezes oferece a Maconha como uma forma de símbolo para a sua aceitação e entrada em determinados ciclos:

“Cara, eu vim lá da UFBA, se você acha que o pessoal aqui fuma, é porque não viu lá. Fumam bem mais! Eu vou ajeitando um aqui pra gente, vocês têm que fumar mais aqui, gente!” (Igor)

Além disso, é possível notar como os grupos de usuários de Maconha definem e aplicam sanções a atitudes em que acreditem ser necessário. Não raramente, integrantes dos grupos são penalizados através de conselhos, intervenções e até afastamento do grupo. Sobre isso, um dos interlocutores nos relatou uma situação em que traz o motivo, e a “pena” aplicada:

“Outro dia chegou um mano aqui, falou que ia botar um chá pra gente. Quando ele tirou era um pedacinho que não dava nem pra uma pessoa. E o pior, esse



mesmo cara nunca tem maconha, sempre pede um salve ou fuma o dos outros. Acho que quando ele consegue é porque pediu alguém, não deve comprar o dele. Aí gente assim não dá pra ficar salvando, ou colocando pra fumar. Se não encosta...” (Pedro).

Essas situações aqui descritas foram trazidas através de uma escolha e recorte de um material mais amplo. A intenção foi demonstrar como se deu a coleta, e também trazer algumas das discussões e práticas referentes a dinâmica de uso da Maconha dentro da universidade. A partir disso, é possível notar como se dá a troca de conhecimentos referente aos grupos usuários de Maconha e também as peculiaridades referente a sociabilidade adotada pelos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando surgiu a ideia da realização de uma pesquisa, em que os objetos de análise seriam estudantes que usam Maconha dentro da universidade, logo surgiram dúvidas relacionadas à como seria esse processo. A apreensão em tratar desse tema perpassava várias questões, que pelo fato de ser uma prática ainda ilícita, gerou vários questionamentos: “As pessoas vão estar dispostas a falar?” “Qual vai ser a visão da universidade?” “Será um assunto relevante?” eram algumas das dúvidas que ficavam na cabeça.

Contudo, a constatação de que era uma situação presente no cotidiano dos estudantes, inclusive em outras universidades, me instigava cada vez mais a elaborar algum tipo de estudo que pudesse ajudar na compreensão desse fenômeno. Essa ideia era ainda mais reforçada, na medida em que percebia que é um assunto de certa maneira ignorado, tanto na questão de estudos científicos, como de conversas e debates.

Tendo em vista que os processos relacionados às drogas têm impactos diferentes, em diferentes contextos, nos esforçamos em trazer algumas considerações em relação aos conceitos principais usados na pesquisa. A explanação de conceitos como droga, desvio, juventude ou do próprio processo de criminalização e estigmatização de determinadas substâncias psicoativas, assim como o levantamento da dinâmica do uso da Maconha na universidade, são no sentido de evidenciar como muitas vezes o tratamento que é dado ao



usuário, é um fator mais determinante para os impactos na vida do sujeito, que o próprio uso.

Tal análise levou em conta o modelo de abordagem biopsicossocial do uso de substâncias psicoativas. Sendo assim, ao falar das especificidades da “subcultura da Maconha”, o contexto social do uso e dos indivíduos usuários, a intenção é levar em conta fatores psicológicos, e socioculturais deste fato. Fatores esses, que comumente são ignorados em detrimento dos aspectos farmacológicos e penais do uso, reforçando ainda mais a estigmatização dos usuários.

Através da observação de situações do uso da Maconha na universidade, algumas características chamam atenção. Uma delas é a própria relação que os usuários constroem a partir desse uso, seja com outros usuários ou com os espaços em que está inserido. Uma das relações que é possível observar diz respeito à entrada do estudante na universidade e sua interação com os alunos veteranos.

Nessa fase de “iniciação”, é possível perceber as movimentações e atitudes que visam a inserção dos alunos calouros nos grupos já estabelecidos. Assim, o espaço a ser frequentado pelo indivíduo, as suas expectativas e interesses, além do próprio perfil sociocultural, são fatores determinantes para o tipo de sociabilidade que será construída durante o período da graduação.

Quando o tema diz respeito ao uso da Maconha, esse fenômeno parece não se diferenciar de grupos que constroem seus laços a partir de outros instrumentos, como grupos de pessoas que gostam de dançar, ou grupos de ciclistas, ou clubes de pesca. Tanto essas situações dadas como exemplo, como o uso da Maconha, acabam também tendo seus locais de frequência, o compartilhamento de determinadas preferências e linguagem em comum. Um grupo de usuários de Maconha no ambiente universitário pode ser considerado um grupo bastante heterogêneo, com características pessoais distintas, como já foi dito, mas também uma enorme diversidade no que diz respeito a interação entre alunos de cursos diferentes.

Outro aspecto considerado na pesquisa, diz respeito ao perfil da universidade



enquanto instituição e o próprio processo de transição que passam os indivíduos que ingressam nos espaços acadêmicos. Diferentemente do Ensino Médio, a universidade é um momento em que, hipoteticamente, o indivíduo tem como princípio a autonomia e a responsabilidade diante da sua “carreira” como estudante, liberdade que teve início já na sua escolha pelo curso e pela Universidade que elegeu como centro de formação. Esses princípios de autonomia e responsabilidade visam incentivar a inovação e a criatividade, ainda que possa gerar, seja por fatores pessoais ou de outra natureza, falta de disciplina e de produtividade, como esperado.

Se levarmos em conta que além da entrada em um espaço que propicia uma maior liberdade, o estudante está passando por mudanças sociais, familiares e até pessoais, podemos considerar que a fase em si, está relacionada à aquisição de novos hábitos, podendo ser um deles o início do uso de Maconha, para os casos dos iniciantes, ou no aumento do uso para os já “estabelecidos”. A própria mudança no sentido de percepção da autoridade, leva o jovem a tomar atitudes que estejam em conflito com as normas ou o com o poder vigente, como se fosse uma maneira de afirmar ou experimentar plenamente a sua autonomia.

Acreditamos que tais mudanças podem causar certo sentimento de confusão e perda de referência. Uma vez saindo do ensino médio e da tutela dos pais, considerando que o perfil dos usuários observados é majoritariamente jovem, o estudante universitário se vê sem uma definição clara de quem são seus tutores, as regras e até mesmo sua rede de proteção. Assim, a Maconha aparece como instrumento de identificação dos seus pares, onde através do uso, ou da tolerância ao uso, o indivíduo consegue definir qual o grupo em que ele pode se referenciar e construir uma identidade em torno.

Alguns tabus que giram em torno do uso de drogas dentro do ambiente universitário, são passíveis de contestação a partir das observações. Não é incomum ouvir de pessoas pouco informadas, que o uso de drogas é consequência de questões estritamente pessoais, como problemas familiares, classe social ou outro fator subjetivo. Entretanto, ao analisar a história de vida de alguns usuários pesquisados, chegamos a conclusão que os motivos para o uso vão além de contextos individuais, justamente pela impossibilidade de



se determinar um fator em comum que supostamente levaria ao uso.

Além disso, é impossível não dizer sobre a relação que se dá entre o espaço em que é usada a Maconha e como esse uso é visto, e os possíveis impactos no cotidiano dos usuários. Ao contrário de situações em ambientes periféricos, onde indivíduos de classes mais baixas são controlados, violentados e presos pelo contato com a Maconha, trazendo consequências que muitas vezes são extremamente danosas a suas vidas, a dinâmica dentro da universidade se mostra completamente diferente. Mesmo ao ter as mesmas práticas dos indivíduos periféricos violentados, seja o ato de usar, transportar, comercializar ou plantar, estudantes universitários levam sua vida sem grandes alterações.

Por fim, depois das colocações feitas e discussões colocadas até aqui, acredito ter conseguido demonstrar de que maneira a Maconha é usada como instrumento de sociabilidade dentro do espaço da universidade. A partir dos dados oferecidos pelos interlocutores, é possível constatar que determinados sujeitos se inserem neste espaço, constroem suas relações sociais e muitas vezes têm suas identidades influenciadas, através do uso desta substância. Na medida em que verificamos grupos que se formam e mantêm laços em torno exclusivamente do uso da Maconha, podemos constatar a importância deste instrumento para a vida e as relações sociais de algumas pessoas.

REFERÊNCIAS

BARROS, André; PERES, Marta. **Proibição da Maconha no Brasil e suas raízes históricas escravocratas**. Rio de Janeiro. *Revista Periferia*, v. 3, n. 2, jul./dez. 2011

BECKER, Howard S. **Outsiders, Estudos de Sociologia do Desvio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BOTERF, Guy Le. **Pesquisa Participante: propostas e reflexões metodológicas**, in, *Repensando a Pesquisa Participante*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CALADO, Vasco Gil. **Drogas sintéticas: mundos culturais, música trance e ciberespaço**. Lisboa: Edição – Instituto da Droga e da Toxicodependência, 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, escrever**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.



CARLINI, Elisaldo Araújo. **A história da maconha no Brasil**. São Paulo: CEBRID, 2005.

DAYRELL, Juarez. **O Jovem como Sujeito Social**. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, 2003.

GÓMEZ, Joan Pallares. **Drogas, Consumo y Culturas juveniles, in, Monografías Humanitas. Uso de drogas y drogodependencias**. Barcelona: Fundación Medicina y Humanidades Médicas. 2004.

GONTIES, Bernard. **Maconha: uma perspectiva histórica, farmacológica e antropológica**. Revista de Humanidades, UFRN, Departamento de História, 2003.

LABATE, Beatriz C. et. al. (Orgs). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MACRAE, Edward. **Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias** / Edward MacRae, Júlio Assis Simões. - Salvador: EDUFBA; UFBA / CETAD, 2000, 2004.

MACRAE, Edward. SIMÕES, Júlio Assis. **A subcultura da maconha, seus valores e rituais entre setores socialmente integrados**. Publicado em: Baptista, M., Cruz, M. S. e Matias, R. (orgs.) Drogas e Pós-modernidade, Rio de Janeiro, EdUERJ. , 2003. pps. 95-107.

NIVEM, Rodrigo Mac. **“Cortina de Fumaça”**, Direção: Rodrigo Mac Nivem. Produtora TVA2. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=L44QDZjKNzY>> Acessado em: dez. 2017.

PRADO, Monique F. de M. MOTTA, Yuri J. de P. **As práticas de uso da maconha entre maconheiras e maconheiros no estado do Rio de Janeiro: comparações e apontamentos sobre perspectivas em torno do consumo** . ABRAMD, 2017.

ROMERA, Liana Abrão. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. 2008. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.